



Renan
Paes Felix

Jeitinho brasileiro

Repensando
a “esperteza”
que nos prende
ao atraso

Renan
Paes Felix

Jeitinho brasileiro

Repensando
a “esperteza”
que nos prende
ao atraso



Copyright © Renan Paes Felix, 2026
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Todos os direitos reservados.

Preparação: Bruna Brezolini

Revisão: Fernanda Guerriero Antunes e Paula Hercy
Cardoso Craveiro

Projeto gráfico e diagramação: Gisele Baptista de Oliveira

Capa e ilustração de capa: Victoria Carvalho

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Felix, Renan Paes

Jeitinho brasileiro : repensando a "esperteza" que nos
prende ao atraso / Renan Paes Felix. – São Paulo : Planeta do
Brasil, 2026.
208 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-422-4389-5

1. Cultura - Brasil 2. Comportamento social 3. Brasil –
Aspectos sociais I. Título

26-3304

CDD 306.0981

Índice para catálogo sistemático:

1. Cultura - Brasil

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

sumário

Prefácio, por Milton Jung	9
Apresentação	14
Introdução	17

PARTE I

RAÍZES DO JEITINHO BRASILEIRO

1. Malandro é malandro, mané é mané	24
2. O feijão de Dona Neném	32
3. Cidade Maravilhosa	42
4. Me dá um dinheiro aí	56
5. Águas de março	74

PARTE II

CONSEQUÊNCIAS DO JEITINHO BRASILEIRO

6. Podres poderes	88
7. Que país é esse?	100
8. Sampa	118

PARTE III

COMO RESSIGNIFICAR O JEITINHO BRASILEIRO

9. A natureza das coisas	138
10. Respeita Januário	152
11. A beleza de ser um eterno aprendiz	162
12. Pau-Brasil	176

Conclusão – E agora, José?	184
Referências	191

Cândido Barata Ribeiro é uma dessas figuras icônicas do Brasil. Médico de formação, foi alçado ao cargo de ministro do Supremo Tribunal Federal (STF).

Historicamente, um dos requisitos para se tornar membro do tribunal mais importante do Poder Judiciário brasileiro é o notável saber jurídico. O fato inusitado está registrado no portal do STF, pois é possível pesquisar a formação dos ministros com base nas faculdades em que se graduaram.

Boa parte dos ministros formou-se em Direito no famoso Largo de São Francisco, a Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

No entanto, não apenas juristas passaram pelo STF. Lê-se nos anais da história: um ministro que atuou por quase um ano, tendo proferido decisões que moldaram os destinos da então recém-nascida República brasileira, graduou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Segundo a biografia¹ publicada na página do STF, Barata Ribeiro recebeu o grau de doutor em Ciências

Médicas e Cirúrgicas em dezembro de 1867, tendo iniciado a sua carreira como diretor do serviço médico e cirúrgico do Hospital de Caridade de Campinas.

Anos depois, retornou ao Rio de Janeiro e passou a lecionar na Faculdade de Medicina.

Entusiasta da abolição da escravatura, defendeu publicamente o fim do regime, além de ter atuado como propagandista da República.

Não por acaso, assim que Dom Pedro II foi deposto e obrigado a deixar o país com sua família, em 1889, com o encerramento do período imperial brasileiro, Barata Ribeiro passou a ocupar cargos de gestão no governo republicano.

A Lei n. 85, de 20 de setembro de 1892,² sancionada pelo presidente Floriano Peixoto, estabeleceu a organização municipal do Distrito Federal, que na época tinha como sede a cidade do Rio de Janeiro.

O art. 1º apresenta que “a gerência de seus negócios será encarregada a um conselho deliberativo e a um prefeito”. Em 1892, Barata Ribeiro tornou-se o primeiro prefeito³ do Rio de Janeiro.

Ele elegeu como prioridades de sua gestão o desenvolvimento de políticas focadas nas questões de saúde pública, combatendo construções irregulares e cortiços da cidade, que eram ambientes extremamente insalubres e proliferadores de doenças para a população carente.

Mas ele não teve muito tempo para executar seu plano de governo, pois passou apenas alguns meses no cargo. No ano seguinte, em 23 de outubro de 1893,

o então presidente da República Floriano Peixoto publicou decreto nomeando Barata Ribeiro para o cargo de ministro do STF. Ele tomou posse no dia 25 de novembro do mesmo ano.

O controle de sua nomeação pelo Poder Legislativo ocorreu em momento posterior, quando, em 24 de setembro de 1894, o Senado da República rejeitou a nomeação de Barata Ribeiro para o STF por não considerar atendido o requisito de “notável saber jurídico”, visto que se tratava de um médico, e não de um bacharel em Direito, ocasião em que ele deixou o exercício do cargo.

O Brasil teve um médico de formação atuando como ministro do STF por quase um ano. Barata Ribeiro ainda foi eleito senador, tendo exercido o mandato até 1909, e faleceu em 10 de fevereiro de 1910, no Rio de Janeiro.

Alguns anos depois, em razão de seu legado político, recebeu homenagem póstuma. Uma das principais vias do bairro de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro, foi batizada com o nome dele.

A razão pela qual decidi iniciar este livro lembrando a icônica biografia⁴ do médico Barata Ribeiro é que, coincidentemente, foi em um apartamento localizado na rua Barata Ribeiro, bairro nobre da Cidade Maravilhosa, que ocorreu uma sucessão de fatos digna de roteiro cinematográfico.

Em agosto de 2021,⁵ quatro moças jovens, residentes em Brasília, São Paulo e Uberlândia, foram convidadas para ir ao Rio de Janeiro. A proposta partiu de dois moradores de um imóvel localizado em Copacabana.

Os homens, sem ocupação conhecida, ostentavam vida de luxo e convidavam as moças para uma curtição nas praias e boates cariocas. O detalhe é que o luxo era sustentado com base na obtenção de recursos ilícitos, por meio de golpes, mediante utilização de cartão de crédito de terceiros, uso de documentos falsos, entre outras artimanhas. Eles até ensinaram às moças como aplicar alguns golpes, mas, como bons estelionatários, ficaram com o dinheiro para si. Uma delas, posteriormente, relatou que estava chateada. Havia aplicado um golpe e obtido “lucro” de R\$ 6 mil, porém os golpistas ‘torraram’ tudo.

Contrariadas com a injustiça, as moças conheceram novos rapazes no Rio de Janeiro e relataram a conduta dos estelionatários da rua Barata Ribeiro. Decerto, entre um drink e outro, no meio da diversão, desenvolveram uma estratégia para dar um golpe nos golpistas.

Uma das moças voltou ao imóvel em Copacabana acompanhada de dois homens. Ao adentrarem o apartamento, os acompanhantes apresentaram-se como policiais civis, mas logo em seguida passaram a exigir o pagamento de R\$ 350 mil, em razão de bens que teriam sido supostamente furtados.

As exigências ocorreram por meio de ameaças e tortura. Uma tesoura foi utilizada para cortar a orelha esquerda de um dos golpistas; com uma faca, deceparam alguns dedos do outro. Se o dinheiro requerido não fosse transferido até o final da tarde, cabeças iriam rolar, literalmente.

As ameaças e torturas foram gravadas no celular, e os vídeos enviados via aplicativo de mensagens para

parentes das vítimas, a fim de acelerar a transferência dos recursos solicitados.

Como os fatos ocorreram em um pacato apartamento residencial na badalada Copacabana, os gritos dos golpistas, agora vítimas, possivelmente foram ouvidos por vizinhos. A polícia recebeu uma ligação anônima e (de fato) chegou ao local, derrubou a porta e levou todos à delegacia e ao hospital.

O fato foi noticiado como “o curso de estelionato que acabou em sequestro”.^{6,7} O mais puro suco de Brasil. Um tanto quanto amargo.

Segundo o *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*,⁸ divulgado em 2023, o “crime da moda” é o estelionato, popularmente conhecido como “golpe”. No ano de 2022, foram registrados quase 2 milhões de casos oficiais, ou seja, 208 golpes por hora.⁹

O *Anuário* destacou um desses golpes: uma idosa residente em São Paulo perdeu R\$ 208 mil para um golpista que se passava pelo ator Johnny Depp – que interpretou nos cinemas o inesquecível capitão Jack Sparrow –, com quem ela pensava estar vivendo um romance virtual.

Considerando que esses são apenas os crimes formalmente noticiados e que muitas vítimas sequer dão conhecimento à polícia a respeito da prática criminosa (há uma cifra oculta decorrente de subnotificação), o número real, com certeza, é bem maior.

Todos os dias ocorrem milhares de tentativas de golpes, das formas mais criativas e diversas possíveis:

- falso sequestro (essa foi uma das modalidades pioneiras de golpes por telefone);
- falso anúncio de classificados;
- falso encontro, em que, normalmente, uma linda mulher marca um encontro via aplicativo com um homem que, ao chegar ao local combinado, é roubado ou sequestrado;
- falsa central de segurança do banco, que liga para avisar a respeito de uma transação suspeita na conta bancária do cidadão;
- comprovante de Pix falso, em que o golpista pede para “devolver” o valor;
- múltiplos golpes em aplicativos de mensagens, em que se utilizam fotos de terceiros para pedir dinheiro;
- invasão da conta de redes sociais de terceiros, para, em seguida, oferecer produtos inexistentes abaixo do valor de mercado nas redes sociais;
- falsas oportunidades de investimentos (as famosas pirâmides financeiras);
- engenharia social para coleta de dados pessoais (nome, endereço, qualificação, senhas de banco);
- falsificação de documentos para obtenção de empréstimos e benefícios sociais;
- boletos falsos, emitidos em nome de pessoas e empresas, para tentar cobrar por dívidas ou serviços inexistentes e obter dinheiro dos incautos.

Poderíamos listar mais duas dezenas de exemplos com certa facilidade. Alguns casos mais pitorescos serão detalhados ao longo deste livro.

A reflexão inicial que buscamos levantar é: como chegamos a esse ponto? Se continuarmos nesse caminho, para onde iremos como nação? Por que tanta gente usa (e abusa) com tanto afinco e dedicação de seus talentos, criatividade, tempo e força de trabalho para a obtenção de vantagens indevidas à custa do prejuízo alheio?

O rigor da lei precisa ser aplicado a todos os criminosos. Mas será que a solução para isso é apenas a construção de mais presídios? Segundo dados de 2023, o Brasil possui a terceira maior população carcerária do planeta, com quase 1 milhão de presos (0,4% da população total).

O Brasil é um país de criatividade sem limites. Mas por que tanto talento é usado para burlar regras, enganar o sistema e tirar vantagem dos outros? Se essa genialidade fosse usada para construir, e não para trapacear, em que patamar poderíamos estar hoje?

O “jeitinho” nos trouxe até aqui. Mas será que ele nos leva aonde queremos ir?

POR QUE O BRASIL, MESMO COM TANTO POTENCIAL, PARECE SEMPRE TROPEÇAR NOS MESMOS ERROS?

Com uma linguagem acessível e instigante, *Jeitinho brasileiro* mergulha nas raízes de um dos traços mais marcantes – e ambíguos – da nossa identidade nacional. Renan Paes Felix, Procurador da República, analisa o *jeitinho* do improviso criativo à trapaça cotidiana, e revela tanto a engenhosidade quanto as fragilidades de um povo que aprendeu a driblar regras perante a omissão do Estado.

A partir de histórias reais, reflexões provocadoras e análises inspiradas em clássicos como os de Sérgio Buarque de Holanda e Raymundo Faoro, este livro nos mostra como a esperteza vira atalho para o atraso – mas também revela como romper esse ciclo.

Cada capítulo tem como ponto de partida uma música brasileira que toca profundamente na alma nacional. E cada página nos convida à mudança: do cinismo à confiança, da desonestidade à integridade, da malandragem à responsabilidade.



Planeta



9 788542 243895

Prefácio por
Milton Jung